

### SAÚDE MENTAL NA GREVE ESTUDANTIL DA UFMT EM 2018: NOTAS SOBRE OS IMPACTOS EM ESTUDANTES MULHERES

Lucas Guerra da Silva<sup>1</sup>

Ana Victoria Alvarenga de Arruda<sup>2</sup>

Barbara Vital Bittencourt de Oliveira<sup>3</sup>

Flávio custódio Ehle de Oliveira<sup>4</sup>

Ícaro Merquides de Leon Lopes<sup>5</sup>

Lenise Santos Ghisi<sup>6</sup>

Nathalia Bigai Ferreira<sup>7</sup>

Rafaela Nicoli de Oliveira<sup>8</sup>

**Resumo:** Este estudo tem por objetivo oferecer um panorama do impacto da greve estudantil da Universidade Federal de Mato Grosso em 2018 na saúde mental das estudantes mulheres desta instituição. A pesquisa foi realizada em caráter extraordinário durante as últimas semanas de greve, a partir do componente curricular Estágio Básico IV – Contextos Clínicos e de Saúde, ofertado no sexto semestre do curso de Psicologia. A estratégia metodológica foi a construção de um formulário como instrumento online e como instrumento de resposta manual disponibilizado em reuniões e encontros do movimento de greve, entrevistas semiestruturadas baseadas nas questões do formulário, e observações dos participantes em diversos contextos. Ao final da etapa de coleta a pesquisa contou com uma amostra significativa de mais de 300 estudantes. Aqui apresentamos dados panorâmicos da pesquisa realizada, para então analisarmos a partir de um recorte de gênero os impactos da greve na saúde mental de estudantes mulheres

<sup>1</sup> Mestre em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais (Unochapecó) e Doutorando em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO/UFMT).

<sup>2</sup> Discente do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

<sup>3</sup> Discente do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

<sup>4</sup> Discente do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

<sup>5</sup> Discente do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

<sup>6</sup> Discente do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

<sup>7</sup> Discente do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

<sup>8</sup> Discente do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

da UFMT, entendendo que tomar a categoria de gênero legitima uma construção dos estudos sobre a importância de entendê-lo nas ciências humanas e sociais, mas também como situação filosófica e de impactos na saúde. Mulheres foram a maior parte das respondentes dos instrumentos, e apresentaram como sintomas principais decorrentes da greve, frustração, estresse e ansiedade, ao mesmo tempo que protagonizaram desde o princípio a movimentação, e construíram, apesar das adversidades, espaços de debate para questões de gênero e de feminismos, demonstrando também espaços de potência ao longo de uma mobilização de luta por direitos.

**Palavras-chave:** Saúde mental. Gênero. Mulheres. Universidade. Greve.

### **Introdução**

Em 2018, estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) deflagraram greve estudantil em resposta ao anúncio realizado pela Reitoria desta Universidade quanto ao aumento do valor do Restaurante Universitário (RU). Até então, a alteração imposta pela Administração Superior da Universidade previa o aumento do valor das principais refeições do Restaurante Universitário (almoço e janta), de R\$ 1,00 (um real) para valores superiores a R\$ 10,00 (dez reais), a depender da categoria do usuário, com diferenciação de valor para estudantes de graduação e pós graduação, estudantes bolsistas e não bolsistas, etc. Nesse sentido, a greve estudantil se iniciou a partir da luta para manter o Restaurante Universitário (RU) pelo valor de R\$ 1,00 (um real), garantindo-se a universalidade.

Já em fevereiro de 2018 surgiram rumores, posteriormente confirmados, sobre o aumento do valor das refeições do Restaurante Universitário, que seria implementado ainda no mês de abril daquele ano. Contudo tal proposta, sob a perspectiva das(os) estudantes, não foi discutida, analisada e planejada pela Administração Superior da Universidade junto à comunidade acadêmica, o que gerou revolta em algumas estudantes (Movimento Estudantil Independente - MEI), que passaram a ocupar uma das guaritas, sendo este um dos primeiros atos estudantis contra o aumento do RU, que também foi criminalizado por parcela de estudantes e outros segmentos da Universidade e da sociedade.

No curso de graduação de Psicologia da UFMT, campus Cuiabá, o movimento de paralisação estudantil iniciou-se em 26 de abril de 2018. No dia 27 do mesmo mês, o

vice-reitor, então reitor em exercício, assinou um termo (em uma folha de caderno comum, sem protocolo), em que prorrogava a implementação da política de alimentação para maio do mesmo ano, sendo esta a pauta do Diretório Central dos Estudantes (DCE). No mesmo dia, a Associação dos Docentes da Universidade Federal de Mato Grosso (ADUFMAT) veiculou uma “nota de apoio à luta dos estudantes pela manutenção do restaurante universitário a R\$ 1,00!”. Assim, no dia 02 de maio de 2018, as estudantes e os estudantes do curso de Psicologia da UFMT Campus Cuiabá deflagraram greve estudantil, assim como diversos outros cursos deste e de outros campus da UFMT já vinham fazendo, enquanto a greve geral dos(as) estudantes da UFMT Cuiabá foi oficialmente deflagrada em assembleia geral no dia 08 de maio de 2018.

Na sequência, foi aprovada a suspensão do calendário acadêmico da Universidade Federal de Mato Grosso pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE), com data retroativa à 20 de abril de 2018, para os campus Cuiabá, Várzea Grande, Rondonópolis e Araguaia. No dia 15 de maio, houve assembleia da categoria dos professores em que não foi aprovada a deflagração de greve docente; no mesmo dia a Reitoria decidiu pela suspensão do reajuste no valor do RU até dezembro de 2018.

Já no dia 19 de junho de 2018, em reunião extraordinária, presidida pela Reitora, foi deliberada a revogação da suspensão do calendário acadêmico, em uma reunião essa amplamente criticada pelas(os) estudantes, devido ao desrespeito e descumprimento de protocolos e metodologias legais para realização das deliberações. Em 20 de junho, houve outra assembleia geral em que, por votação, se decidiu pela manutenção da greve dos discentes; ao todo foram 13 tentativas de reuniões com a reitora. Em 19 de julho de 2018 as estudantes e os estudantes do curso de Psicologia da UFMT Cuiabá, em assembleia de curso, deliberaram pela saída da greve estudantil. No dia 20 de julho daquele ano, houve então a terceira assembleia geral das(os) estudantes da UFMT do Campus Cuiabá, em que se deliberou pela saída da greve, com estado de greve.

Sendo assim, a greve pleiteou a manutenção do acesso ao serviço prestado no Restaurante Universitário pelo valor já vigente (R\$ 1,00 real), bem como com seu caráter universal. A contar da data de suspensão do calendário, no dia 20 de maio de 2018, até a sua retomada, no dia 25 de junho de 2018, quando diversos cursos reiniciaram suas atividades em sala de aula, a greve perdurou por 65 dias, além do período anterior de ocupação das guaritas e posterior continuidade da greve em

determinados cursos. Assim, tendo havido uma disrupção tão importante na rotina da universidade, torna-se imprescindível avaliar de que forma o corpo discente vivenciou esse cenário e os impactos em sua saúde mental.

Neste sentido, o presente trabalho se desenvolveu frente a essa demanda através das atividades realizadas na disciplina de Estágio Básico IV: Contextos Clínicos e de Saúde. As observações e coletas de dados ocorreram duas semanas antes de ser declarado o final da greve no Campus Cuiabá. Assim, esta pesquisa objetivou compreender os impactos psicológicos decorrentes do período de greve, traçando um panorama da saúde mental das(os) estudantes.

Tendo em vista a riqueza dos dados coletados, é possível estabelecer uma discussão que aponta para a caracterização das(os) participantes da pesquisa quanto à sua identificação de gênero, neste caso com foco nos dados qualitativos providos por mulheres. Averigua-se os diversos impactos da greve, bem como as estratégias utilizadas para amenizar estados emocionais afetados pela mesma, e também informações quanto às idades das(os) participantes, bem como seus grupos étnicos, cursos de graduação e frequência de utilização do Restaurante Universitário.

Entendido o direito à greve como um movimento para manter direitos, e partindo da compreensão de sujeito como produto e produtor da realidade social, o movimento que as(os) estudantes da UFMT deflagraram em defesa da universalidade do RU, pautou a política de alimentação e a assistência estudantil da Universidade. Nesse contexto, a articulação do movimento estudantil, liderado a princípio por um coletivo de mulheres feministas do curso de Ciências Sociais, constituiu o principal instrumento da garantia de direitos, uma vez que a organização autônoma das estudantes universitárias atuou no sentido de auxiliar a construir mecanismos de consciência na comunidade acadêmica para expor a gravidade do momento político vivido no Brasil, denunciar a ausência de paridade nos espaços deliberativos institucionais, e, em última instância, pautar a defesa da universidade pública e de qualidade.

O movimento grevista das(os) estudantes universitárias(os) está temporalmente vinculado a um momento histórico, social e político que prevê uma agenda de retirada de direitos nos âmbitos da saúde e da educação, o que parece evidenciar a complexidade de olhar para o fenômeno da saúde para além da doença, por um viés individual e patologizante. Daí a importância de voltar o olhar do estágio em Contextos Clínicos e de

Saúde do curso de Psicologia sobre o fenômeno de saúde mental neste contexto que integra saberes e fazeres diversos, e em que se tensiona as instituições por meio da participação política, com o objetivo de alterar o curso das decisões relativas às políticas de alimentação e permanência na universidade, sem deixar de atentar para os impactos desse movimento na saúde mental das(os) estudantes.

A metodologia da pesquisa consistiu na construção de um formulário online com a pretensão de canalizar dados para compreender a situação de saúde mental das(os) estudantes universitárias(os) durante o período de greve. Tal formulário foi composto por dezoito itens, em que as possibilidades de resposta se dividiam em 6 perguntas com respostas abertas; 9 perguntas com respostas fechadas de única escolha; e 3 perguntas com respostas fechadas de múltipla escolha. Dessas, apenas duas eram opcionais e o restante, obrigatórias. Tais perguntas foram divididas em 3 seções: “Perfil”, que buscava estabelecer o contexto no qual a(o) discente estava inserida(o); “Sobre a greve”, que pretendia compreender o posicionamento da(o) discente sobre a greve; e “Efeitos da greve”, que procurava investigar os possíveis impactos da greve no quadro emocional e psicológico dessas(es) estudantes.

De caráter anônimo, o formulário esteve disponível de 12 a 20 de julho de 2018 e foi divulgado através de e-mails, redes sociais, além de cartazes espalhados em pontos-chave da UFMT Campus Cuiabá. Além disso, uma versão física também foi oferecida às(aos) discentes nos eventos relacionados à greve. Estes formulários preenchidos à mão foram posteriormente transcritos pelas estagiárias e estagiários para a versão online.

Além disso, entre os dias 10 e 20 de julho foram realizadas 18 entrevistas semiestruturadas, baseadas nas perguntas do formulário. As entrevistas foram realizadas pelas estagiárias e estagiários que, por sua vez, ofereceram às(aos) entrevistadas(os) o termo de consentimento livre e esclarecido. Por fim, também foram realizadas observações de eventos ligados ao movimento de greve (como reunião com a reitora, reunião da comissão de ética com requisitantes da Psicologia, entre outros). Tais dados de entrevista e observação foram ao final transcritos no relatório de estágio, que contou, também, com o autorrelato de todas(os) as(os) estagiárias(os) participantes deste estágio em Contextos Clínicos e de Saúde<sup>9</sup>. Neste artigo discutiremos os dados apresentados a

<sup>9</sup> Estágio realizado por Ana Victória Alvarenga de Arruda, Barbara Vital Bittencourt de Souza, Camila Garcia Brunca, Flávio Custódio Ehle de Oliveira, Icaro Merquides de Leon Lopes, Juliana Beatriz  
Vol. 02, N. 01, Jan. - Mar., 2019 · [www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh](http://www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh)

partir da apresentação de um recorte de gênero que abarca, então, os impactos da greve na saúde mental das estudantes mulheres da UFMT.

### A problemática em evidência

A categoria “gênero” já é velha conhecida das ciências humanas e sociais – mas não só – e tem produzido diversos olhares aos fenômenos de naturalização de poderes, saberes, e formas de performar o corpo no mundo, apontando com tom de denúncia às estruturas sociais que nos constroem de acordo com cada dinâmica cultural na qual somos inseridas(os).

Ao menos desde 1949, com a publicação de “O segundo sexo”, Simone de Beauvoir (2016) tem contribuído em todo o mundo, e também no Brasil servido de referência teórica catedrática, para evidenciar a importante reflexão da existência de determinadas imposições feitas às mulheres, e maiores permissibilidades aos homens, que constroem diferenças de hierarquia.

Judith Butler na obra “Problemas de gênero” (2017) contribui para mais um aprofundamento conceitual, quando posiciona o gênero como performativo, ou seja, construído por atos de fala e não existente de forma pré-discursiva. São os discursos sobre os gêneros que os constroem. O discurso constrói seu objeto, nessa perspectiva. E então, a diferença na produção de discursos sobre os corpos a partir de categorias de gênero revela tanto o instituído, quanto rompe determinadas normas a partir de discursos divergentes.

O que ambas filósofas têm em comum nessas obras é o pensamento sobre a construção social das questões de gênero, especialmente relativa às mulheres, que são colocadas em um determinado lugar social, seja ele oriundo de um discurso patriarcal enquanto estrutura social, seja de discursos jurídicos, médicos, e que circunscrevem possibilidades de expressar-se ou não.

Para além de concordar com os posicionamentos que fundamentam os debates das autoras, entendemos que precisamos acrescentar nesse debate o fato de que a própria experiência de sofrimento psíquico é também uma construção social (ZANELLO,

---

Souza Barbosa, Lenise Santos Ghisi, Lucas Moreira Arruda, Nathalia Bigai Ferreira, Rafaela Nicoli Oliveira, e Vitor Bruno Gomes Vargas; sob orientação do professor Lucas Guerra da Silva.

FIUZA, COSTA, 2015), porque a identifica, classifica, estuda, e historicamente impõe determinados condicionamentos, inclusive – e talvez especialmente – de gênero: não esqueçamos das históricas de Freud ainda no final do século 19, por exemplo.

No Brasil é sabido que mulheres e homens são absolutamente generificados compulsoriamente de modo institucional desde o momento em que precisa-se apontar na certidão de nascimento se o corpinho que nasceu é menino ou menina. No entanto, antes mesmo da certidão de nascimento já existem tecnologias que produzem gênero, como a ultrassonografia, que com o poder do ato de fala da(o) médica(o) circunscreve o então feto em um mundo generificado (BENTO, 2011). Intersexuais terão seus corpos invadidos para serem adequados às normas generificadas binárias de homem ou mulher.

Tão evidente quanto isso é o fato de que o Brasil possui políticas de saúde específicas de gênero, como a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (BRASIL, 2004), e a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (2008), por reconhecer especificidades de saúde não meramente de um ponto de vista biológico mas também social. A política de saúde do homem, por exemplo, admite que “Grande parte da não-adesão às medidas de atenção integral, por parte do homem, decorre das variáveis culturais” (BRASIL, 2008, p. 05).

O pesquisador Vicente Tchalian (2018) fala sobre a capacidade dos dispositivos institucionais de tentar capturar os corpos fora da norma e circunscrever em políticas institucionais para que voltem à engrenagem social de modo normativo. As experiências trans, segundo ele, tem demonstrado uma série de protocolos de saúde que reforçam a condição de ser homem ou mulher.

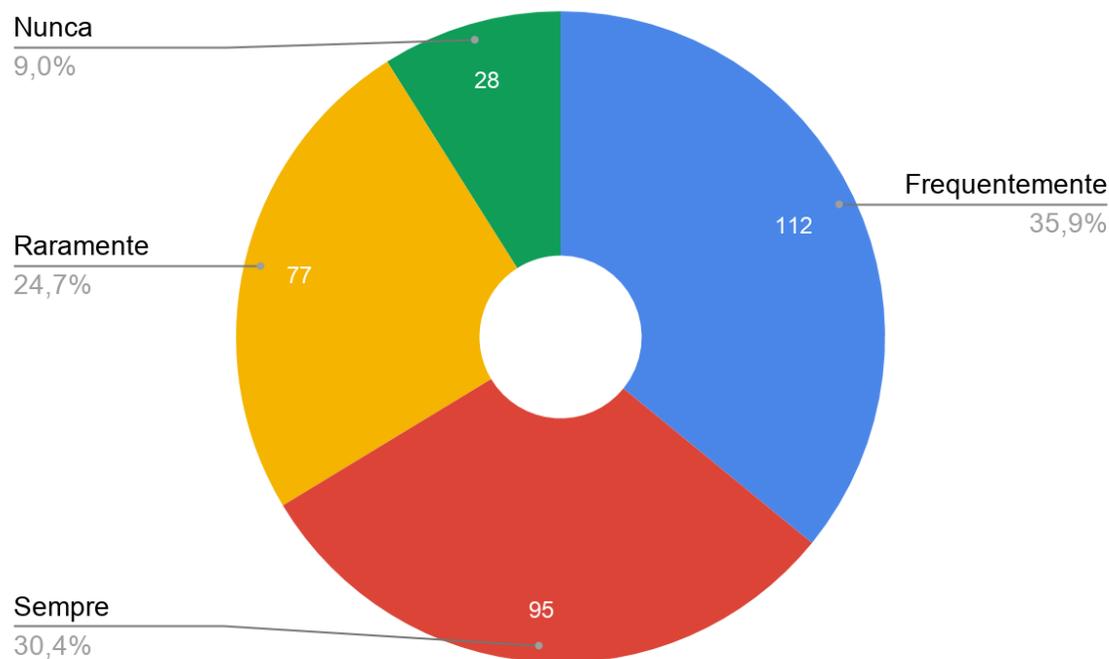
E tudo isso para dizer, enfim, que comungamos das opiniões que destacam a importância da categoria de gênero e das teorias sobre a construção social do gênero para visualizarmos fenômenos humanos das nossas dinâmicas culturais – que são generificadas –, sejam eles quais forem, e, neste enfoque a saúde mental. Propomos então apresentar primeiramente um panorama geral da pesquisa realizada na Universidade Federal de Mato Grosso em 2018, e posteriormente apresentar a análise sob um recorte específico que diz respeito ao impacto da greve estudantil na saúde mental de estudantes mulheres desta universidade.

### **Dados panorâmicos**

O formulário construído para revelar dados e discursos sobre o impacto da greve estudantil na saúde mental de estudantes da UFMT obteve um total de 322 respostas que foram posteriormente analisadas quantitativamente e condensadas em gráficos. Visto a dimensão e quantidade de informações levantadas, o que será apresentado é apenas um breve panorama dos dados obtidos, que podem ser visualizados na íntegra nas referências (ARQUIVO, 2018).

Na seção “Perfil”, identificou-se que mais de 25 cursos responderam ao questionário, sendo a maioria da amostra: discentes entre 20 a 23 anos, cursando o 3º ano da graduação (28%), do sexo feminino (59%), autodeclaradas(os) brancas(os) (51%) e que frequentemente (35%) ou sempre (30%) utilizam o RU (gráfico 1).

Gráfico 1 - Frequência do uso do Restaurante Universitário.

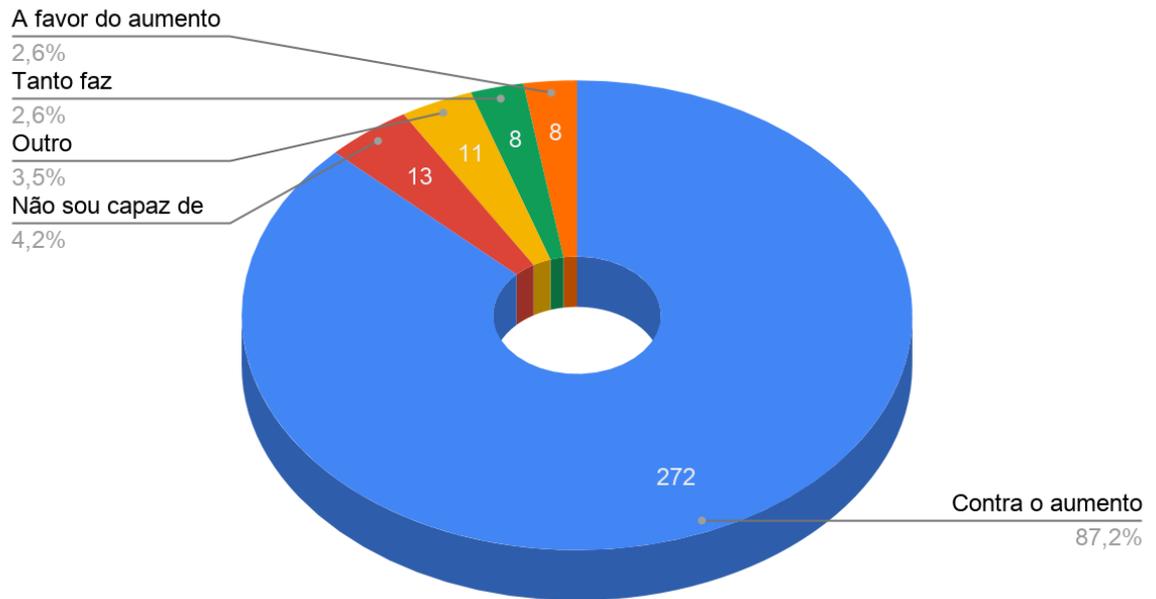


Fonte: dados nossos (ARQUIVO, 2018).

Na seção “Sobre a greve”, verificou-se que a maior parte da amostra é contra o aumento (87%) (gráfico 2), apoia a greve estudantil (63%) (gráfico 3), não modificou seu posicionamento no decorrer da greve (66%) e se sente representada pelo movimento estudantil do seu curso (57,5%). Na questão na qual as(os) participantes puderam optar

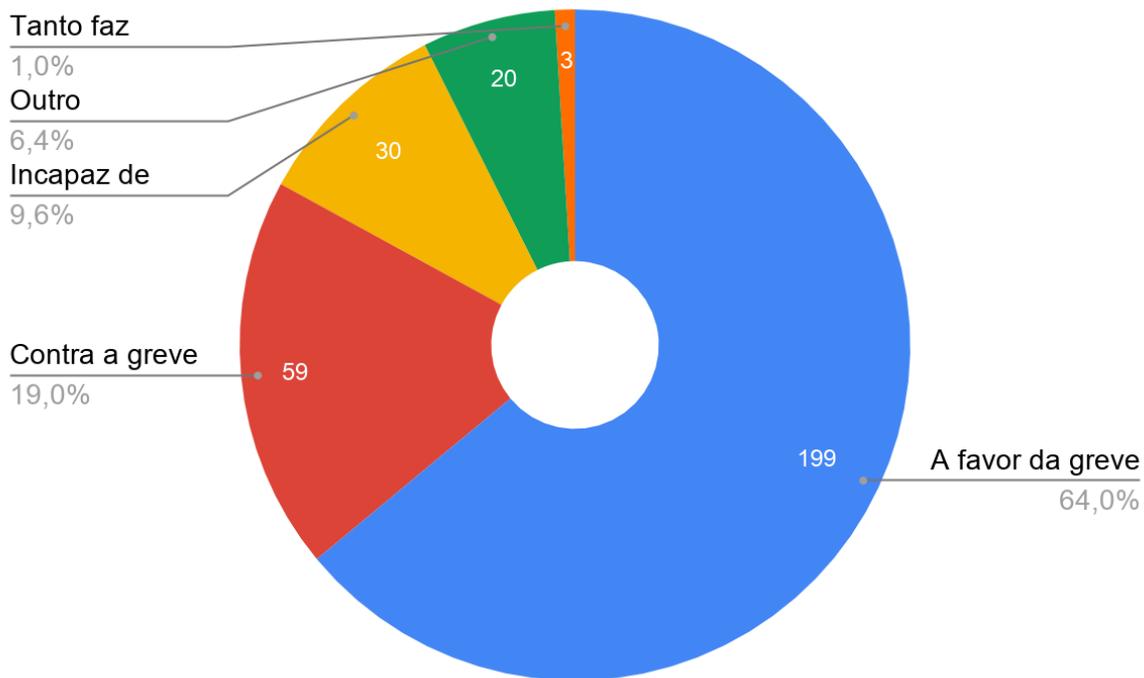
por responder sobre como o aumento proposto pela Reitoria impactaria a sua vida, notou-se a recorrência de respostas sobre a não continuidade de utilização do RU e a possibilidade ou necessidade de abandono da universidade.

Gráfico 2 - Opinião sobre a greve estudantil.



Fonte: dados nossos (ARQUIVO, 2018).

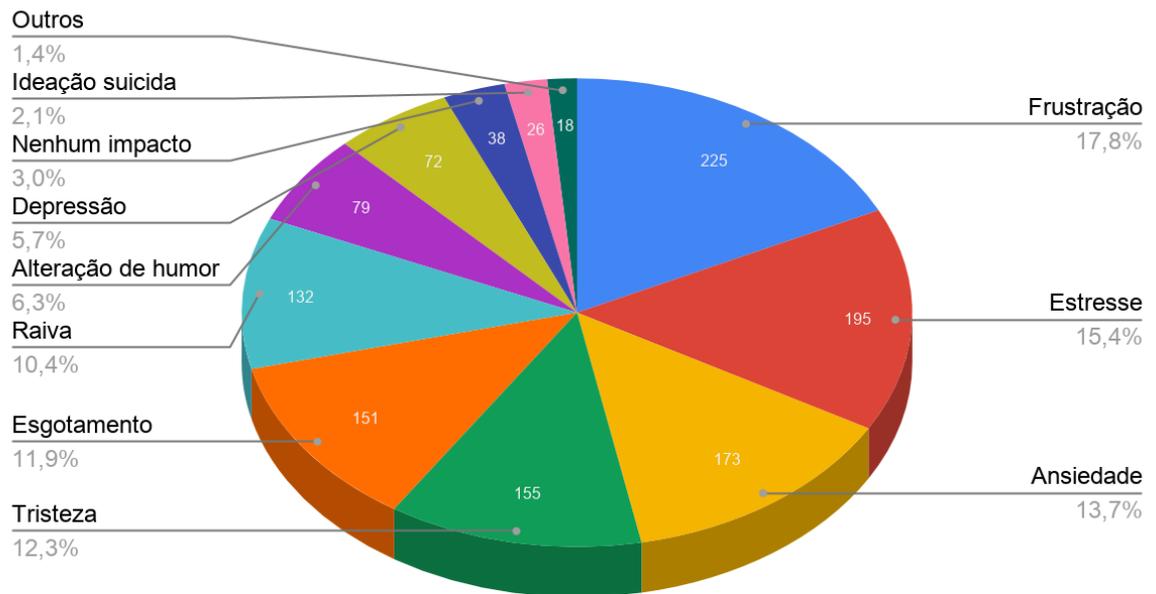
Gráfico 3 - Posicionamento frente à greve estudantil.



Fonte: dados nossos (ARQUIVO, 2018).

Na seção “Efeitos da greve”, a maior parte da amostra marcou ao menos um impacto emocional sentido devido à greve, tendo como predominância a frustração, o estresse e à ansiedade. Vale ressaltar que 26 discentes alegaram terem ideação suicida em função da greve (gráfico 4). E quando questionada sobre as estratégias usadas para atenuar os quadros emocionais causados pela situação de greve, as estratégias mais frequentes foram “assistir séries e filmes” (195), “dormir” (194) e “se afastar das atividades grevistas” (154). Destaca-se ainda a ocorrência de estratégias como “consumir bebidas alcoólicas” (74), “fumar cigarro” (45) e “uso de drogas ilícitas” (42).

Gráfico 4 - Impactos emocionais sentidos devido a greve



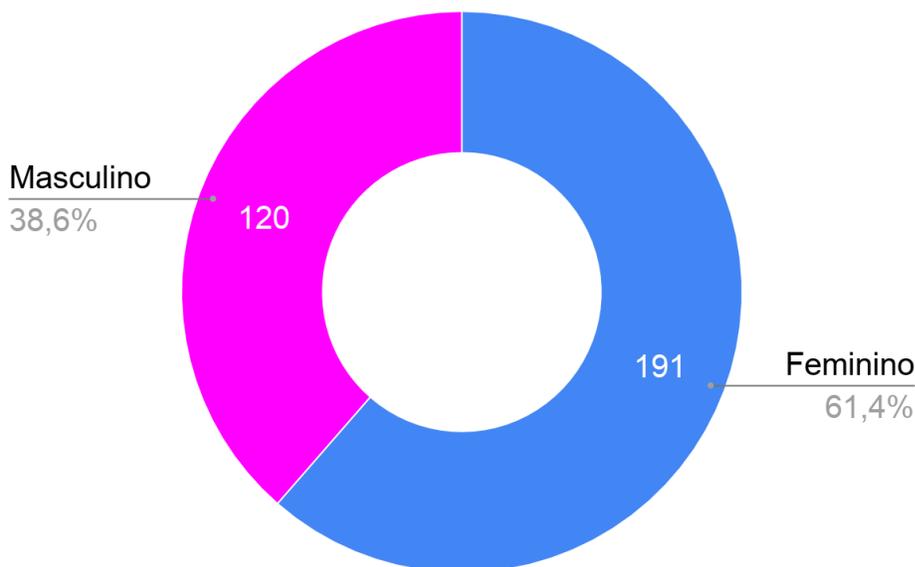
Fonte: dados nossos (ARQUIVO, 2018).

Averiguou-se também que a maior parte da amostra (160) não sofreu nenhum tipo de constrangimento em função de seu posicionamento a respeito da greve, entretanto, quando isso ocorreu foi predominantemente por parte de colegas do curso (69), por outras(os) universitárias(os) (67) e também por parte da família das(os) discentes (51). Constatou-se ainda que 128 discentes não precisaram de nenhum suporte emocional e 84 tiveram o apoio necessário. Em contrapartida, 110 discentes disseram que não puderam contar com nenhum suporte emocional. 50,2% da amostra responderam ter precisado oferecer algum tipo de apoio durante a greve. Sendo que ao menos 36% perceberam que tiveram necessidade de ter acompanhamento psicológico. Por fim, as(os) discentes puderam optar por responder sobre o que poderia ter amenizado os sintomas e, apesar da variedade, observou-se a recorrência de respostas que apontam como solução ocupar-se com outras coisas além da greve, ter procurado atenção psicológica e a negociação com a Reitoria para a resolução do impasse.

### Efeito da greve na saúde mental das estudantes mulheres

A partir dos dados obtidos pelo formulário, pode-se analisar que de um total de 311 respostas, 191 foram provenientes de estudantes do gênero feminino, o que equivale a uma média de aproximadamente 61% do total de respostas ao formulário (gráfico 5).

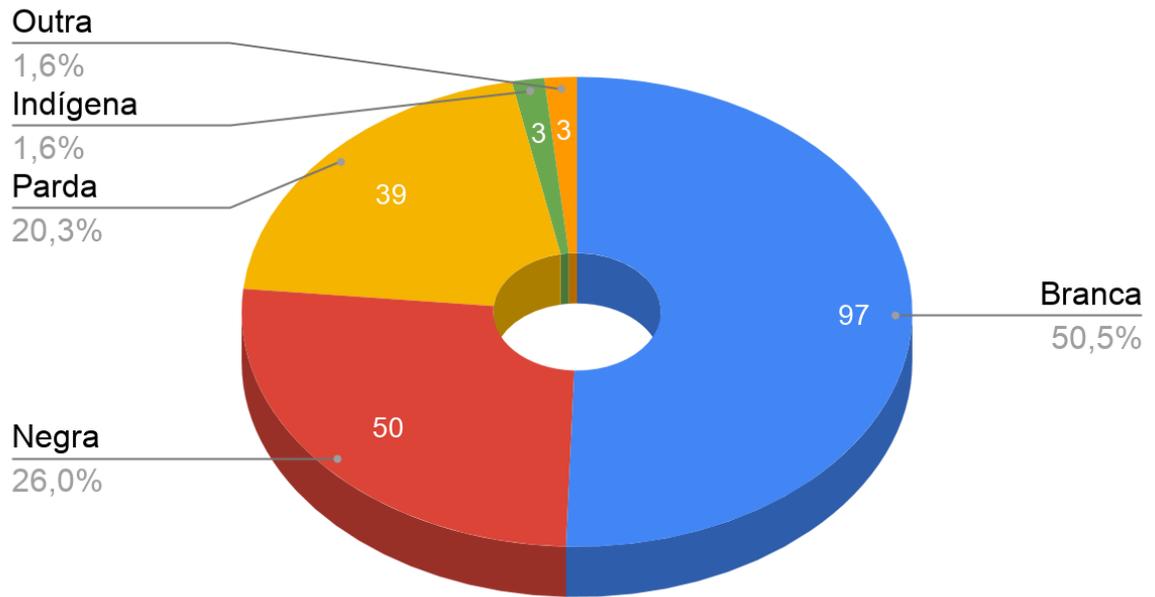
Gráfico 5 - Porcentagem e quantidade do público por gênero.



Fonte: dados nossos (ARQUIVO, 2018).

Desta porcentagem, as idades que mais prevaleceram foram as de 20, 21 e 22 anos, contabilizando uma média de aproximadamente 52,32% das respostas. Um valor de 50,5% das respostas corresponde às estudantes do gênero feminino que declararam pertencer à raça/grupo étnico branca (gráfico 6).

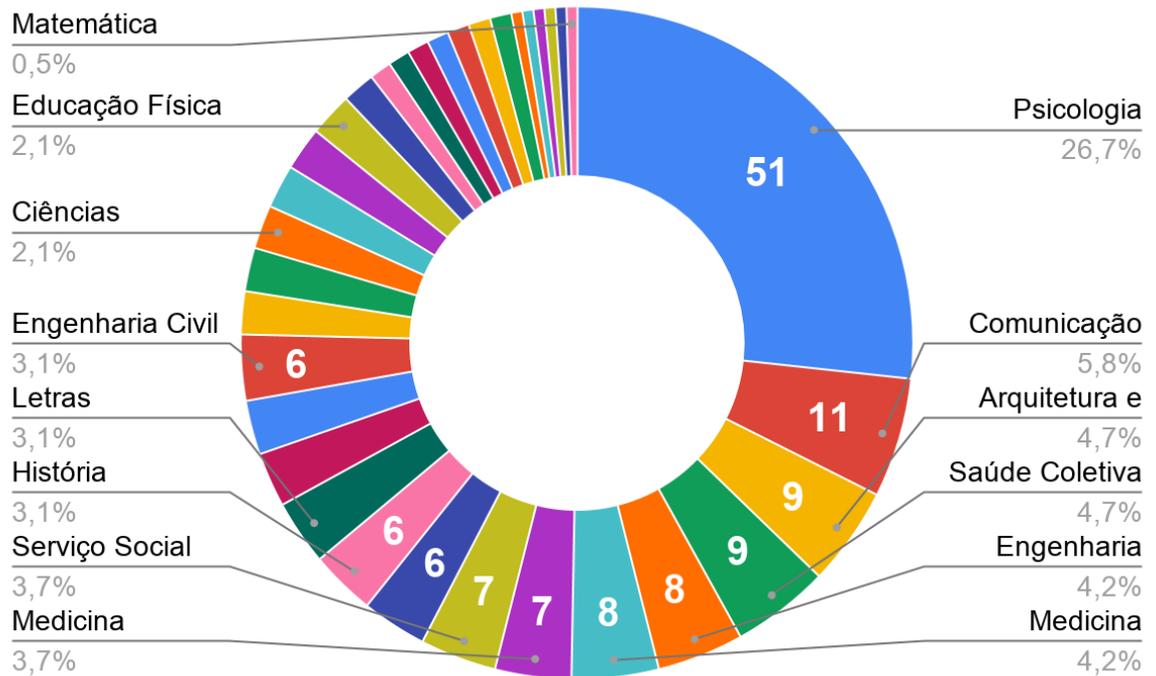
Gráfico 6 - Raça/grupo étnico declarada pelo público feminino.



Fonte: dados nossos (ARQUIVO, 2018).

Todas essas mulheres são de cursos de graduação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), onde um total de 33 cursos participaram da pesquisa. Dentre os cursos participantes, destacam-se os seguintes valores: 26,7% correspondem ao curso de Psicologia, 5,8% ao curso de Comunicação Social, 4,7% aos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Saúde Coletiva, 4,2% aos cursos de Engenharia Ambiental e Ambiental e Medicina, 3,7% aos cursos de Serviço Social e Medicina Veterinária, 3,1% aos cursos de Engenharia Civil, História e Letras, e 2,1% aos cursos de Ciências Contábeis e Educação Física (gráfico 7).

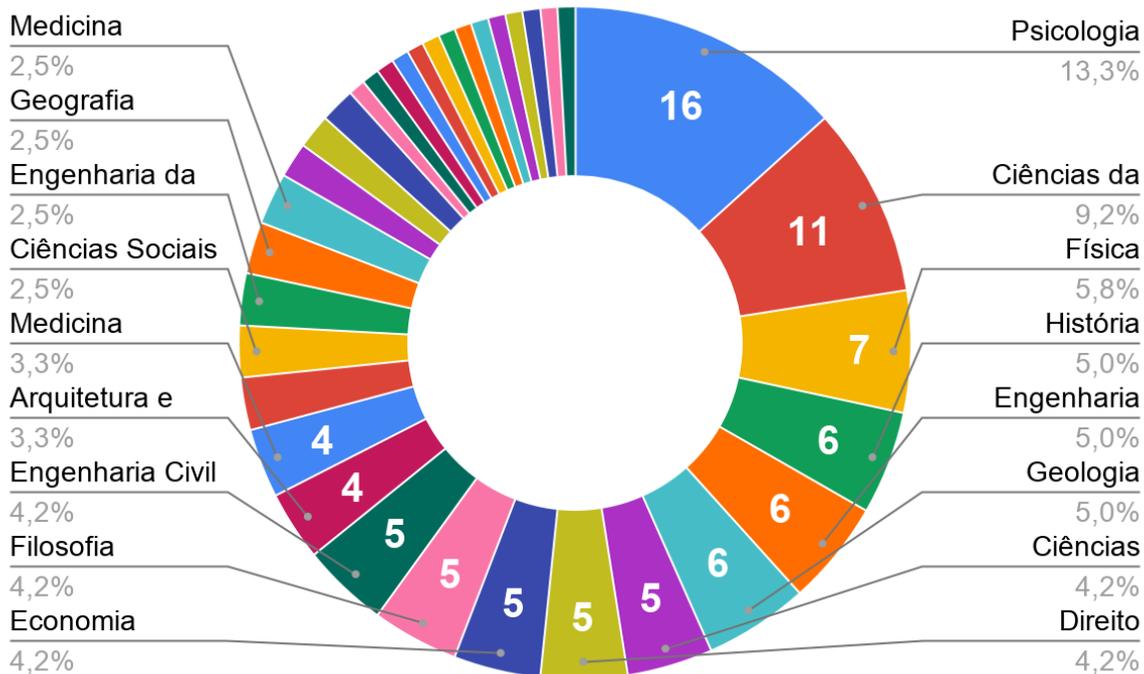
Gráfico 7 - Participação do público feminino por cursos.



Fonte: dados nossos (ARQUIVO, 2018).

Nos cursos de Ciências da Computação, Ciências Contábeis, Direito, Economia, Engenharia Elétrica, Física, Geologia e História houve uma participação do público masculino consideravelmente maior (gráfico 8).

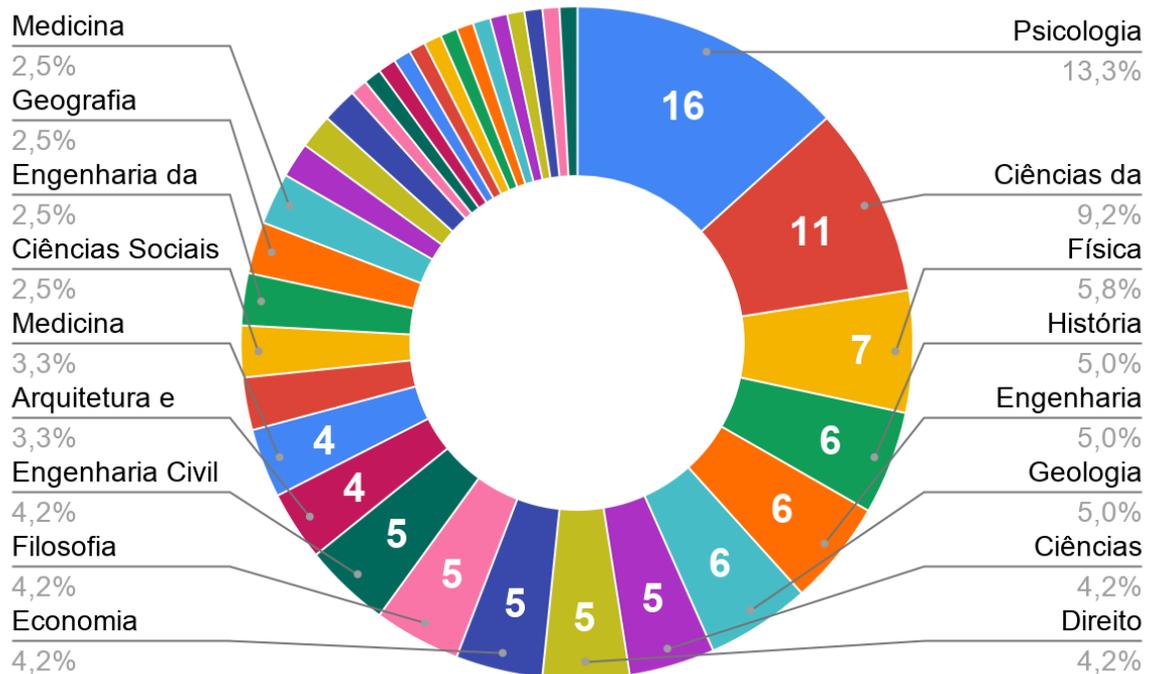
Gráfico 8 - Participação do público masculino por cursos.



Fonte: dados nossos (ARQUIVO, 2018).

Os resultados também mostraram que os impactos emocionais mais sentidos segundo as respostas ao formulário pelo público feminino durante a greve foram os de estresse, frustração, e ansiedade, com 122, 119 e 110 respostas respectivamente, como mostra o gráfico 9.

Gráfico 9 - Impactos emocionais declarados pelo público feminino.



Fonte: dados nossos (ARQUIVO, 2018).

Nas respostas abertas, quando questionado “Quais ações você acha que poderiam ter amenizado os seus sintomas?”, algumas participantes comentaram:

Se a administração da universidade não ignorasse a existência de estudantes vulneráveis socioeconomicamente e emocionalmente. (Participante 01).

A greve apenas acentuou os sintomas de doenças psicológicas que eu já possuo (e que foram descobertas na minha primeira graduação, há cerca de 9 anos). Mas acredito que discussões à respeito de transtornos psicológicos na universidade sejam fundamentais. Debater e levar o conhecimento/esclarecimento de que não são frescuras são um passo importantíssimo. E fico feliz ao ver que esses assuntos estejam sendo mais amplamente divulgados, diferente de quando ingressei na instituição pela primeira vez. (Participante 02).

Tratar minha ansiedade, porém sozinha eu nunca consigo. (Participante 03).

Não ter mais um milhão de situações acontecendo ao mesmo tempo pra eu ter que resolver tudo sozinha. (Participante 04)

A volta às aulas. Preciso terminar a faculdade pois já me sinto velha e sem tempo na minha idade sem ter ideia de quando irei terminar. (Participante 05).

Uma das observações que pude realizar durante a greve é como não sou só eu imersa em esgotamento, especialmente no curso de Psicologia, mas como

todas/os estudantes se encontram nesse caos. De tentar se manter financeira, física e emocionalmente na faculdade que nos exige muitas vezes o que não temos. Perceber isso, apesar de ser algo muito triste, me trouxe conforto em saber que não estou sozinha. Além do que me torna ainda mais aberta a ouvir meus colegas. Conhecer outras realidades dentro do campus e curso, isso me fez muito bem, particularmente. (Participante 06).

Além disso, dentre as mulheres que responderam ao formulário, uma média de 9% (18 respostas) afirmam que ajuda psicológica de qualquer tipo (terapêutica, em grupo ou individual, presencial ou não) seria necessária para ajudar a aliviar os sintomas.

### Considerações

Ainda que tenhamos prezado pela pluralidade, temos consciência de que os dados colhidos não abarcam toda a comunidade acadêmica, e, portanto, não são representação fiel da opinião de toda a universidade, mas ajudam a desenhar um panorama do contexto estudantil durante a greve, especialmente entre as pessoas que estavam envolvidas no processo.

Este trabalho se tornou, no entanto, uma referência por proporcionar associações compreensivas das concepções de saúde e doença, além das que normalmente ocorrem em situações cotidianas, visto que o ambiente acadêmico é notadamente lugar de diversas manifestações sintomáticas ainda que não passando por situação extraordinária.

A greve, analisamos, não necessariamente foi gênese de psicopatologia; no entanto, o fundamento da greve ter sido o aumento do valor da alimentação no Restaurante Universitário pode ser identificado como desencadeador de grande parte dos sintomas experimentados pelas estudantes mulheres da UFMT. Alguns efeitos pragmáticos como o fato de não poder permanecer na instituição por falta de dinheiro para comer, ou ter que escolher quais refeições e quando fazê-las, são problemáticas que desestabilizam expectativas de futuro, e produzem sofrimentos.

Estresse, frustração, ansiedade e esgotamento como principais sintomas percebidos ao longo do período de greve pelas estudantes mulheres refletem o contexto extraordinário da instituição, que pelos meses de paralisação não contou com a rotina acadêmica, mas voltou todas as atenções em debater especificamente a política de alimentação em ambiente muitas vezes hostil e judicializado. Um juiz chegou a emitir

reintegração de posse anexando uma listagem com centenas de nomes de alunas e alunos do curso de História. Trecho de uma nota do Movimento Estudantil veiculado pela imprensa destaca a pressão psicológica exercida pela judicialização naquele contexto de defesa de direitos, o que corrobora o panorama apresentado pela pesquisa.

Hoje estamos lidando com uma reintegração de posse da guarita 2 onde estamos ocupados aguardando o tão esperado diálogo com a reitora. É muito triste que os estudantes tenham que lidar com essa pressão psicológica enquanto lutam pelos seus direitos. Enquanto isso, a conversa é mais uma vez barrada com a decisão judicial. (GAZETA DIGITAL, 2018).

Vale também destacar que as primeiras mobilizações foram puxadas por um coletivo de mulheres feministas do curso de Ciências Sociais, que mobilizaram os demais coletivos, demonstrando o protagonismo, e também quem esteve, portanto, por mais tempo no *front* desta disputa discursiva e performática. Grande parte das atividades didáticas do movimento grevista também foram encampadas por mulheres, em espaços para discutir questões de gênero, e aulas públicas sobre violências de gênero.

Esta pesquisa não tem como pretensão revelar singularidades de sofrimento experimentadas por mulheres em comparação aos sofrimentos dos homens ao longo do processo de greve, para apontar características generificadas. No entanto, evidenciar um recorte de gênero é proporcionar a visualização deste panorama concreto, em que tivemos maior respaldo de respostas vindas de mulheres – o que indica, em conformidade com o próprio apontamento denunciado pelas políticas de saúde, que as mulheres quantitativamente buscam expressar mais o que sentem, e estão mais abertas a procurar compreender e dar resolução a sua situação de saúde –, e também porque os sentimentos experimentados por elas certamente perpassam outras problemáticas de gênero que estão dadas na realidade social, como machismos generalizados, e transfobia experimentada em alguns episódios pelas mulheres trans que participaram do movimento grevista.

Inscrever nas considerações finais desta forma, o recorte de gênero, é garantir também narrativa divergente daquela social que prega um anulamento ou caráter de submissão da mulher, e mostrá-la como a protagonista que foi nessa luta conjunta em defesa de direitos e pela transformação social, para além da posição de “acometida por sintomas”. É preciso reconhecer aqui que houve potências apesar dos sintomas

experimentados com maior intensidade: inclusive entre as pesquisadoras do grupo de estágio, maioria de mulheres, construindo tanto a metodologia de coleta de dados, quanto de respostas enquanto estavam envolvidas em diversos espaços.

Sobre a construção da resposta, é bom demarcar que esta pesquisa contou ainda com um segundo momento de devolutiva dos dados à comunidade acadêmica, na continuidade do estágio após a greve e retorno das aulas. Outro grupo de estágio que assumiu a segunda etapa elaborou um material informativo em formato de *folder*, com os principais sintomas levantados em decorrência da greve, indicando como identificar o momento de pedir ajuda, e listando de todos os serviços e contatos dos serviços da rede de saúde mental da cidade de Cuiabá. A divulgação dos dados foi feita em salas de aula, na fila do Restaurante Universitário, e também em eventos científicos as quais fomos convidadas(os), a exemplo de uma mesa sobre Saúde Mental no curso de Saúde Coletiva em julho de 2018 e em um evento institucional da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação em novembro de 2018. Também as duas etapas do estágio foram inscritas, aceitas e apresentadas na Mostra de Estágios do Curso de Psicologia da UFMT, sendo que no eixo de Contextos de Saúde foi prática de estágio premiada.

### Referências

- ARQUIVO do grupo de estágio. Impactos da greve na saúde mental de estudantes da UFMT. **Estágio Básico IV**: contextos clínicos e de saúde. Curso de Psicologia. Universidade Federal de Mato Grosso. 2018. Disponível em: <<https://tinyurl.com/dadossaudentalmnagreve>> Acesso em: 02-02-2019.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 3ª ed. Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz diferença. **Estudos Feministas**. V. 19, n. 2. Florianópolis, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200016/19404>> Acesso em: 02-02-2019.
- BRASIL. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher**. Ministério da Saúde. Brasília, 2004. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nac\\_atencao\\_mulher.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_atencao_mulher.pdf)> Acesso em: 02-02-2019.
- BRASIL. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem**. Ministério da Saúde. Brasília, 2008. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_atencao\\_saude\\_homem.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_atencao_saude_homem.pdf)> Acesso em: 02-02-2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 15ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

GAZETA DIGITAL. Juíz determina reintegração de posse da UFMT. **Gazeta Digital**. 2018. Disponível em: <<http://www.gazetadigital.com.br/editorias/judiciario/juiz-determina-reintegracao-de-posse-da-ufmt/539053>> Acesso em: 02-02-2019.

TCHALIAN, Vicente. Questões de gêneros: transgeneridades, masculinidades hegemônicas e o controle sobre os corpos. JESUS, Dánie Marcelo de; MELO, Glenda Cristina Valim de; GONÇALVES JÚNIOR, Sara Wagner Pimenta (Orgs.). **Corpos transgressores**: políticas de resistências. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

ZANELLO, Valeska; FIUZA, Gabriela; COSTA, Humberto Soares. Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. Dossiê políticas sociais e de gênero no contemporâneo. **Fractal**: Revista de Psicologia. V. 27, n. 3. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v27n3/1984-0292-fractal-27-3-0238.pdf>> Acesso em: 02-02-2019.

**MENTAL HEALTH IN THE STUDENT'S STRIKE OF THE *UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO* IN 2018: NOTES ABOUT IMPACTS IN FEMALE STUDENTS**

**Abstract:** This study aims to provide an overview of the impact of the student's strike of the Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) in 2018 on the mental health of female students of this institution. The research was carried out in an extraordinary way during the last weeks of the strike, starting from the basic training component IV - Clinical and Health Contexts, offered in the sixth semester of the Psychology course. The methodological strategy was the construction of a form as an online instrument, and manual response instrument made available in meetings and meetings of the strike movement, semi-structured interviews based on the questions of the form, and participant observations in different contexts. At the end of the collection phase, the survey had a significant sample of more than 300 students. Here we present panoramic data of the research carried out, to analyze from a gender cut the impacts of the strike on the mental health of female students of the UFMT, understanding that taking the category of gender legitimizes a construction of the studies on the importance of

understanding it in the human and social sciences, but also as a philosophical situation and impacts on health. Women were the majority of the respondents of the instruments, and presented as main symptoms resulting from the strike, frustration, stress and anxiety, at the same time they carried out from the beginning the movement, and have built, despite the adversities, spaces for debate on gender issues and of feminisms, also demonstrating spaces of power along a mobilization of struggle for rights.

**Keywords:** Mental health. Gender. Women. University. Strike.

Recebido em: 16/02/2019

Aceito em: 04/06/2019